



EDITORIAL:

Hibridismos e Fricções

Elisa Belém¹

A temática *Hibridismos e Fricções* nos convida a pensar sobre as múltiplas possibilidades de entrelaçamento e negociação cultural, assim como sobre a colaboração entre artistas de diferentes linguagens. A importância do assunto para o campo específico das artes da cena pode ser considerada também dentro de um panorama maior de caráter político e social. Aqui refletimos sobre uma cena que se dá no espaço entre linguagens, processos de criação e modos de recepção que surgem a partir de diálogos, mesclas e embates.

Nos últimos meses, acompanhamos a ocorrência de desastres ambientais de ordem avassaladora; conflitos entre nações; atos de terrorismo; corrupções e desmontagens de redes de exploração; violências de toda ordem; sofrimentos e uma espécie de perda de civilidade, de bem estar, de acolhimento ao outro, de refúgio e do bem viver. O que se abala, para além de todos os acontecimentos, é o respeito a vida.

Como não tocar no assunto *hibridismos e fricções*, num momento no qual o Outro é visto como um possível inimigo? Que traço do Outro é parte de nós mesmos? Onde está a fronteira entre o poder e a dignidade de povos, nações, culturas, pessoas? Podemos nos isentar de discutir novas formas ou reformas no trato pessoal, no cotidiano, na política, nas relações entre estados e nações? O quê os artistas e pesquisadores de artes da cena têm a dizer sobre as questões que emergem nesse tempo de agora?

Podemos pensar sobre as negociações culturais e as colaborações entre linguagens artísticas como uma espécie de laboratório de práticas transculturais e de interação humana, que necessitam se dar para além do campo das artes? É esse o convite que faço ao leitor: que possa ler as entrelinhas dos textos apresentados nesse número. Que a leitura não se limite às informações e argumentos apresentados por seus autores

1. Elisa Belém é pesquisadora da área de Artes da Cena. Desenvolve projeto de Pós-Doutorado no Instituto de Artes da UNICAMP, com o suporte da bolsa PNPd/CAPES (2015-16).

dentro do campo das artes da cena. Mas que as ideias, práticas e projetos das artes da cena nos sirvam para refletir sobre como temos vivido. Pensar ainda sobre qual papel tem a área para um exercício do afeto e da sensibilidade.

O número é aberto por meio da colaboração do pesquisador e professor da UNB, *Fernando Villar*, que parte de um apontamento de Marc Augé sobre a crise de significados sociais, “que dificulta conceber e gerenciar nossa relação com o outro” e sobre “a perpetuação de purismos, preconceitos e dicotomizações”. Propõe pensar sobre “procedimentos mais inclusivos ou menos excludentes” e questiona a “ausência de reconhecimento de hibridismo artístico como uma categoria de distintas linguagens e motivador de outras noções e práticas”.

Segue-se um artigo da pesquisadora e professora da UFMG, *Rita Gusmão*, que discute a cena atual como um “corolário de uma trajetória de composição da política do encontro, na qual o corpo é elemento crucial”. Conduz a discussão em torno do espectador, que passa a ser solicitado para “a realização conjunta da enunciação das manifestações”. Discute a tentativa do artista de superar a questão da mercadoria, a busca pela reabilitação dos sentidos, da conscientização da biopolítica e o posicionamento diante dela. Identifica um compromisso ético e estético do ator, além de um modo contemporâneo de produção em arte, que parece se organizar como “uma atitude de estabelecer fluxos comunicativos entre comunidades auto-organizadas”, levando à “emersão de uma sensibilidade própria à criação”.

Já o pesquisador e professor da UNIR, *Luiz Daniel Lerro*, propõe “re-ver a tradição”, ao discutir a apropriação de gestos, atitudes e dos elementos vocais e rítmicos da tradição afro-brasileira para “construir outras formas estéticas”. Mostra um traçado histórico do desenvolvimento de estudos nessa seara, por meio de um “intercâmbio” cultural com o *povo de santo*, bem como a apropriação da dança dos orixás no rol de técnicas da *International School of Theatre Anthropology* (ISTA), numa proposta de treinamento para o ator. Lerro vem defender a necessidade de “reconhecer o modo adequado de trabalhar com essas composições, de gestos, sons, atitudes e ações, durante o processo educativo corpóreo do artista da cena”. O autor questiona de que modo o encontro com o outro pode levar a “desmascarar” hábitos corporais do sujeito e se “é suficiente a presença da diversidade corporal, com os seus elementos técnico-expressivos “estranhos” para instaurar uma estrutura pedagógica transcultural”.

Rousejanny da Silva Ferreira e *Michael Silva* apresentam “uma discussão sobre a potência da voz/palavra como corpo

e arena para reflexões contemporâneas em dança”, a partir do solo *Veronique Doisneau* (2004), dirigido pelo coreógrafo Jérôme Bel. Os autores sugerem a instauração de uma espécie de *performance* coreo-vocal pela obra analisada. Perguntam então, “quais seriam os papéis da voz e da leitura para a prática artística/política da dança”. Discutindo a “palavra na dança como uma performance de enfrentamento”, sugerem que “a oralidade na dança pode nos revelar muito sobre as memórias, sensações e políticas do corpo como expressão artística”.

Carolina de Pinho Barroso propõe um panorama histórico sobre o corpo do ator e o trabalho sobre si; mais adiante, discute as transformações nos entendimentos técnicos sobre a dança, bem como reflete sobre as aproximações e rupturas entre as duas linguagens. Apresenta a ideia do limiar como uma zona intermediária, considerando que a dança e o teatro vivenciam “um contexto de rompimento de fronteiras e ampliação de diálogos dentro da contemporaneidade”, visando “estabelecer fluxos de comunicação”.

Ana Clara Amaral apresenta uma reflexão sobre a pesquisa prática do Núcleo *Fuga!*, que investiga processos de criação em dança a partir dos procedimentos da Mimesis Corpórea, desenvolvida pelo grupo LUME Teatro (Campinas, SP). De acordo com a autora, o Núcleo *Fuga!* se dedica a “(...) encontrar em algum outro corpo (objeto, imagem, fotografia, pessoa) as ignições para a criação do movimento no espaço, acompanhando, com atenção, também o fluxo de imagens mentais que emergem neste processo.”

Virginia Maria Schabbach reflete sobre o conceito de apropriação, segundo a visão pós-moderna. A autora informa que o artigo surgiu após “a construção de um texto dramaturgico sobre a vida de Virginia Woolf, tendo como metodologia, a apropriação, tanto das obras literárias quanto das obras biográficas da escritora, reorganizadas em uma nova criação”.

Natália Soldera analisa o uso de imagens digitais como matriz da composição poética na cena. Para isso, tem como objeto uma cena do espetáculo *Le Projet Andersen*, da Companhia canadense *Ex-Machina*, dirigida pelo encenador Robert Lepage e outra do espetáculo *Flicker*, do *Big Art Group*, grupo nova-iorquino de teatro - “Compreendendo, desta forma, que a presença das tecnologias de produção e reprodução de imagem na cena não pressupõe uma linguagem determinada, podendo promover múltiplas possibilidades de interação com a cena teatral e dialogar de diversas formas com o contexto social contemporâneo”.

A seção *Reflexões sobre a Cena Contemporânea* se inicia com uma entrevista conduzida por *Maicyra Teles Leão e Silva* com *Stefan Kaegi*, um dos diretores do grupo de teatro *Rimini*

Protokoll. A conversa gira em torno da trajetória de Kaegi e dos projetos que resultam em eventos híbridos – entre a realidade, o documentário e a ficção. São abordados, particularmente, alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil.

Joshua Monten tem um de seus ensaios traduzidos por Mariana Baruco M. Andraus e Joana Wildhagen. O autor discute algumas formas de apropriação, por coreógrafos, de diferentes estilos de dança em suas próprias linguagens. Apresenta reflexões sobre três possibilidades identificadas nesse processo: *revista*, *fusão* e *ecletismo*. Sendo que, o último é o foco do ensaio.

O artigo de *Letícia Castro Simões* fecha as reflexões deste número. Discute as imbricações entre artes visuais e linguagem cinematográfica propondo pensar sobre uma possível estética videográfica. Para isso, parte da análise do projeto *365 Day Project*, de Jonas Mekas.

Boa leitura!